

## 1 UM MENINO INCOMUM

**E**ra noite. Ouvia-se apenas o assobio fraco do vento, que soprava suavemente sobre as árvores da vizinhança. Os galhos e folhas balançavam harmoniosamente sob um nítido firmamento, pincelado por algumas estrelas tímidas.

As ruas do simplório povoado Henry estavam escuras, imersas em sombras, que tentavam, teimosamente, ceder à claridade da quase ineficaz iluminação de poucos postes que ainda preservavam suas fracas lâmpadas em funcionamento.

Essa pintura monótona da rotina noturna do pequeno povoado não possuía expectadores, pois o toque de recolher já havia soado.

Quebrando o comum, o horizonte trazia o inesperado vindo do céu: um dragão pálido e mal tratado, montado por uma criatura mórbida. Ao seu lado, um cavalo alado negro como carvão, montado por um homem. Os seres planavam sobre o extenso gramado do parque da Rua Bom Fim, destino de uma missão imperial.

Eles pousaram sem serem percebidos. Estava mais escuro naquele lado da rua. Havia poucas casas, pequenas e modestas, sem nenhum detalhe especial, exceto por uma, ainda mais simples que as demais, porém portadora de certa personalidade.

A casa mais simples do povoado, no entanto, chamava mais atenção do que todas em sua volta, pois além de personalidade, trazia uma sensação de vida e esperança. Tinha as mesmas medidas das demais casas, dois pavimentos, um sótão acima, e uma grande chaminé para os dias frios. A fachada, porém, alegremente pintada de azul claro e detalhes em branco, a diferenciava das demais, sem nenhum tipo de decoração. Não era rodeada por cercas e tinha um jardim repleto de flores coloridas. No centro do jardim, havia uma árvore grande com folhas violetas e, mais à direita, o caminho perfeitamente desenhado direcionando até a porta lilás, onde estava escrito em letras douradas e uma caligrafia muito fina: seja bem vindo ao lar dos Dustin.

As duas criaturas misteriosas deixaram os animais exóticos no parque como veículos estacionados, e foram caminhando lentamente à casa colorida dos Dustin.

O que montava o dragão era gélido, semelhante a homem, mas sem expressões. Tinha nenhum pelo no corpo, um olhar vazio e distante, rosto pálido, totalmente encasacado com trapos cinza, e mantinha oculto o seu corpo esquelético.

O homem era o oposto. Forte, alto, com uma postura de superioridade, aparência saudável. Os olhos estavam escondidos por óculos escuros. Por baixo de um longo sobretudo de couro preto, vestia uma espécie de armadura preta, quase imperceptível e bem justa ao corpo.

Ambos usavam o mesmo tipo de espada, a arma mais mortal da época. O homem possuía duas, cruzadas em suas costas. A criatura sinistra, por sua vez, levava uma única, embainhada em sua cintura.

Na armadura do homem, na parte do peito, havia um símbolo, o símbolo do império – um dragão vermelho montado pela sombra de um homem – que brilhava determinando poder e domínio.

Chegaram à porta com a mesma discrição. O homem deu uma leve batida que, naquele silêncio, ressoou por toda vizinhança.

Eles não foram atendidos e, então, seguiu-se nova batida, que ressoou ainda mais forte e intensamente, espalhando-se ainda mais pelo restante da rua.

Em resposta, uma linda jovem abriu a porta, mostrando surpresa e uma aflição disfarçada por uma falsa simpatia e educação casual. Ela era alta, elegantemente magra, cabelos negros, longos e ondulados. Seus olhos eram da cor do mel, e refletiam, ainda que escondidos pelo medo, amor e afeto.

– Boa noite, Sr. Parkman. Guardiã. A que devemos a visita. – Anna Dustin falava sem conseguir esconder suas emoções.

– Primeiramente, gostaríamos de entrar, Sra. Dustin. – Falou o homem que atendia por Parkman. Ele entrou, sem esperar uma resposta da dona da casa. O Guardiã o seguia sem pronunciar qualquer palavra. Anna tentava esconder o desconforto que sentia.

– Está uma noite quente, não é mesmo? – A mulher aflita tentava começar a conversa, com medo de que eles o fizessem.

– Certamente não estamos aqui pelas condições climáticas desta região medíocre, Sra. Dustin. Viemos tratar de coisas mais substanciais. – Parkman demonstrava desdém e impaciência.

– E o que seria, senhor? – Perguntou Anna, intolerante ao tom do homem.

– É necessária a presença de seu marido. Vá chamá-lo. – Ele ordenou com mais ousadia e soberba.

Anna logo atendeu a ordem e, em pouco tempo, um homem alto, magro, com cabelos castanhos e ralos penteados para o lado, olhos azuis e ligeiramente encurvado, apareceu na humilde sala da casa. Estava ainda mais nervoso que sua esposa, e muito agitado. Jonathan Dustin estava claramente apavorado.

– Boa noite, Sr. Parkman. Sr. Guardiã. Minha esposa disse que os senhores desejam falar conosco. Em que podemos ser úteis? – O Sr. Dustin tentava expressar a maior reverência possível. Quase se curvou diante às autoridades imperiais.

– O quanto são úteis não é o assunto em questão, Sr. Dustin. Pelo menos não agora. Viemos averiguar a situação dos senhores.

– Averiguar? O que quer dizer? – Anna interrompeu Parkman, que não gostou nem um pouco da intromissão.

– Perguntas só após o término do esclarecimento dos fatos, Sra. Dustin. – Ele se ergueu ainda mais para mostrar superioridade, e continuava a falar com uma voz densa e baixa, moderada e contida. – Nós ficamos sabendo, por meio de uma denúncia, que os senhores violaram a Lei de Procriação. Essa lei, como devem saber, estabelece que:

“Cada casal presente no império tem a permissão de gerar quantos filhos puderem sustentar, os quais, para o bem da sobrevivência humana, devem ser fecundados em laboratório por supervisão de médicos indicados pelo império, utilizando as melhores combinações com os padrões genéticos do determinado casal.”

– O que dizem sobre isso? – Perguntou Parkman depois de citar a Lei.

– Nós... Como souberam? Quem fez a denúncia? – Jonathan se desesperava e o suor começava a descer pelo seu rosto já avermelhado de pavor.

– Não é correto responder uma pergunta com outra pergunta, Dustin. A única coisa de que precisa saber sobre a fonte de nossa informação, é que ela é extremamente segura. E, na minha posição de Arauto e alto membro do conselho imperial, exijo saber a situação atual dos senhores, imediatamente. Sendo assim, Guardiã, tenha a gentileza de verificar as circunstâncias.

A criatura gélida deu um passo à frente em direção à Anna, que agora não conseguia esconder o medo. O Guardiã olhou fixamente para o ventre da mulher, retornou para o lado de seu superior, e disse com uma voz ainda mais terrível que sua aparência:

– Há vida.

– Bem, como não há registro de procriação laboratorial envolvendo os senhores, então as suspeitas se fazem verdadeiras. – O Arauto demonstrou satisfação ao pronunciar estas palavras.

– Não é o que parece. Não estamos querendo confusão. Nós viemos de famílias respeitadas e reconhecidas pela obediência e dedicação ao império. Não queremos afrontar ninguém. – Jonathan estava quase em prantos.

– Estamos cientes da origem exemplar da família do senhor, e das circunstâncias de sua esposa, mas isto não os isenta da responsabilidade por seus atos. – Respondeu Parkman.

– Mas, os senhores têm que entender que foi um acidente, nós... – Jonathan tentou continuar se defendendo.

– Não temos que entender nada, a não ser os fatos, Sr. Dustin. – Parkman interrompeu as explicações de Jonathan. – Os senhores colocaram a sobrevivência humana em risco. Um “acidente” não é uma explicação plausível para este fato. Os senhores parecem não ter ideia do que fizeram.

– Então, explique-nos, Sr. Parkman. – Anna criou coragem, e colocou em tom de afronta.

– A insolência não a ajudará, Sra. Dustin. – Advertiu Parkman. – No entanto, fico feliz em esclarecer a gravidade do erro que cometeram. Este *acidente* pode fragilizar a estabilidade que alcançamos. Os senhores podem servir de mau exemplo para outros cidadãos descuidados, e isto nos conduziria ao caos. Depois de tudo o que nossa espécie já sofreu nos últimos tempos, como ousam cometer este erro, e ainda usar como desculpa a palavra *acidente*?

– A vida não pode ser um erro. Ela nunca foi, e jamais será um erro. – Anna respondeu ao Arauto com firmeza e muita convicção.

– Vejo que não fui esclarecedor o suficiente. Neste caso, acho que devo ir direto ao assunto. Os senhores estão sob estado de observação, e deverão tomar algumas medidas mais rígidas até o nascimento

da criança. – Ele parou um pouco, começou a andar pensativamente ao redor do casal com os braços para traz, e depois continuou:

– O Sr. Dustin irá de casa para o trabalho e do trabalho para casa, sem exceção. A Sra. Dustin não sairá de casa até o fim da gestação, sem exceção. Após o nascimento da criança, caso ela não herde naturalmente nenhuma habilidade dos senhores, as consequências serão drásticas.

– Quais consequências? – Jonathan perguntou aflito.

– Vamos nos preocupar com um assunto de cada vez, Sr. Dustin. Por ora, preocupe-se em cumprir o que lhe foi estabelecido, mantendo o mais absoluto sigilo sobre a condição dos senhores. Não queremos que sirvam de mau exemplo para os demais.

– Certamente, Sr. Arauto, mas eu peço, em nome de minha família, que o império seja piedoso conosco. – Jonathan continuava a se humilhar, quase se curvando diante Parkman.

– Já somos, Sr. Dustin. Não se esqueça disto. – O Arauto deu um sorriso sínico. – Bem, acho que terminamos por aqui. Esperamos que a situação dos senhores progrida, e queremos acreditar em sua dedicação. Tenham uma boa noite. – Parkman terminou, e partiu.

Ele saiu em companhia do Guardião, levando os dois um ar pesado e obscuro, carregado de desespero e medo. A sala estava densa e triste, e custou para que Anna e Jonathan voltassem a dizer alguma coisa. Estavam perplexos com que havia acontecido. Não sabiam o que fazer ou esperar. Só havia o medo.

– Vai dar tudo certo. Sei que vai. – Anna foi a primeira a romper o silêncio.

– Como tem tanta certeza? – Jonathan perguntou sem muitas esperanças.

– Não tenho. Só espero e acredito. – Respondeu Anna.

– Sei. Você sempre acredita, não é mesmo? – Jonathan retrucou impacientemente, com um pouco de rancor nascido do medo que sentia.

– É verdade. E você nunca, não é mesmo? – A mulher insistiu em manter a esperança, repreendendo a atitude do marido.

– Só acho que não precisava falar daquele jeito, desrespeitando uma autoridade, e em nossa condição...

– Eu tinha que falar por nós dois, não é? E eu os tratei com o mesmo respeito que eles me trataram. E não sei que condição é essa.

– Você não entende? Se essa criança não herdar nenhuma de nossas habilidades pode colocar a humanidade em risco.

– Você acreditou naquela *conversinha*? Ele é só um bebê, Jonathan. Seu filho.

– Eu sei. Mas temos que ser realistas.

– A única realidade que conheço é que vamos ter um bebê, e isso é uma dádiva, quer tenha ele habilidades, ou não. Eu jamais vou desistir dele. Você vai?

– É claro que não, Anna. Eu te amo. E vocês dois são minha família. Jamais deixarei vocês.

Eles se calaram, se abraçaram e foram dormir, na esperança do surgimento de um dia melhor. Afinal, uma longa jornada havia iniciado, a qual os conduziria a árduas escolhas futuras. Escolhas que definiriam quem Jonathan e Anna Dustin realmente eram, e o que deixariam como legado para o mundo.

No dia seguinte, Jonathan levantou na hora de costume. Começou a se arrumar lentamente sem se lembrar direito o que tanto lhe afligia. Desceu as escadas no mesmo andar sonolento e, na cozinha, ao se deparar com a esposa fazendo um farto e cheiroso café da manhã, a lembrança da noite anterior o atingiu como um raio, fazendo seu estômago remexer completamente.

– Bom dia, querido. – Anna recebeu o marido com um caloroso abraço e o conduziu até à mesa, repleta de seus pratos favoritos.

– Bom dia. – As palavras saíram como sussurro dos lábios de Jonathan, que começava a ficar pálido.

– Resolvi fazer um café da manhã reforçado para o dia começar bem. Quem sabe ele continua assim até o fim? – Anna mantinha seu sorriso e sua animação, tentando contagiar Jonathan.

– Espero que fique, mas o mais provável é que não. – Jonathan respondeu como em mais um de seus ataques de pessimismo irritantes.

– Fique calmo e não desanime. Ninguém vai importuná-lo no trabalho, já que temos que manter o maior *sigilo*, não é mesmo? – Ela deu um sorriso cheio de ternura, que envolveu o marido com paz.

A refeição continuou neste ritmo até a saída do Sr. Dustin. Ele partiu de casa mais tranquilo e esperançoso de que ninguém o afrontaria.

Jonathan Dustin era um homem conservador, adorava regras e uma vida com uma rotina bem amarrada. Dedicou toda sua vida ao serviço do império. Atualmente, trabalhava no Departamento de Revisão e Análise de Correspondências Civis de seu Distrito, que era muito pequeno (o menor da Região), contendo além do povoado Henry, mais onze povoados. Era realmente bom no que fazia, pois guardava as regras imperiais não apenas como trabalho, mas como padrão de vida. Sua situação atual era uma das poucas exceções que ele já tinha vivido.

O Departamento de Revisão e Análise de Correspondências Civis, ou DRACC, como era chamado, era responsável pela checagem das correspondências da população, as quais deveriam estar dentro das determinações imperiais.

A única forma de comunicação à distância entre pessoas comuns, permitida legalmente, era a placa holográfica, um aparelho circular de caráter metálico, com aproximadamente quatro centímetros de raio que transmitia mensagens em forma de holograma. Enviadas até a Sede de determinado Distrito, as placas eram revistadas e analisadas cuidadosamente, observando qualquer



coisa suspeita e, então, eram reencaminhadas para o respectivo destinatário.

A placa holográfica, entre outros aparelhos, também era usada para entretenimento e pela imprensa, atividades inspecionadas pelo Departamento de Censura, encarregado de restringir os assuntos transmitidos aos cidadãos de acordo com os interesses do império.

– Identificação. – A voz tenebrosa de um Guardião transmitiu a ordem para Jonathan, que acabara de chegar ao trabalho.

A criatura estendeu o braço esquelético para frente e arregaçou parte de suas vestes que cobriam sua mão direita, deixando à vista seu membro de aparência morta e mal cheirosa. Sem nenhuma expressão, impôs para Jonathan a barra digital presente na parte superior de sua mão.

Jonathan aproximou-se da mão podre do Guardião e colocou seu polegar na barra digital, para fornecer suas digitais. Realizada a identificação, o Guardião o deixou entrar.

O DRACC, como todo departamento do Distrito, ficava no povoado central Mark, onde estava localizado o imponente prédio da Sede, a maior e mais luxuosa construção da Região.

Sustentada por pilares feitos de ouro maciço, o prédio possuía uma arquitetura leve, como se não tocasse o chão. Estátuas de grandes pensadores da história rodeavam o caminho até a entrada, onde ficava estuada a bandeira do império – um tecido amarelo que tinha em seu centro um círculo alaranjado preenchido pelo símbolo do dragão vermelho montado pela sombra de um homem.

Tudo parecia normal e sem nenhuma alteração no andar do departamento de Jonathan. Todos estavam em seus respectivos cubículos sem portas ou paredes que chamavam de sala. Um do lado do outro, com a distância de um braço entre si. O chão, vinho com pedras preciosas tracejando o desenho de duas espadas

cruzadas, brilhava como se tivesse luz própria. Em cada canto, uma demonstração de cultura. No entanto, o ambiente era tenso e desagradável. A presença de tantos Guardiões ao redor corrompia a beleza do lugar, tornando o ambiente um tanto quanto desconfortável.

Tudo, exceto uma coisa, permanecia da mesma forma de sempre.

– Hei, Sr. Dustin! Já soube da novidade? – Um jovem de mais ou menos vinte anos, cabelos claros, curtos e enrolados, baixinho e magricela, vestes descoladas e ligeiramente largas, vinha em direção a Jonathan, com um leve sorriso ansioso. Willian Bagg, o carregador do departamento.

– Olá, Will. O que foi desta vez? – Jonathan não estava nem um pouco interessado no que o garoto poderia lhe informar, já que sempre trazia notícias sem a menor importância, espalhando fofocas infantis.

– Seu amigo Hugo Hudson, do Departamento de Monitoramento e Assistência Residencial, foi mais do que promovido. – O garoto estava tão empolgado em dar a notícia que seus olhos estavam arregalados.

– O que quer dizer com isso? – O nome do amigo que o acompanhara até então, chamou a atenção de Jonathan.

– Ele saiu do Departamento direto para cargo de Arauto. – Respondeu Will.

– O quê? Mas este é um dos cargos mais altos dentro do império! Como isso aconteceu? – A pergunta era mais para ele próprio do que para o rapaz, radiante em poder passar uma informação de tal importância, mas ele não se importou em responder.

– Parece que ele andou puxando sardinha para o lado do imperador, e acabou se tornando um dos seus queridinhos. Dizem até que o imperador quase o adotou! Parece que ele foi o primeiro a conseguir o cargo desde a ascensão do império, já que no início

já tinha uma tropa de Arautos e Guardiões prontos para mandar ver.

– BAGG! O que eu já disse sobre ficar fofocando por aí? Tem uma porção de caixas que precisam ser descarregadas. Mova esse seu traseiro esquelético e vá trabalhar. IMEDIATAMENTE! – O chefe do Departamento, Calvin Gray, um homem extremamente gordo, de baixa estatura, com poucos cabelos negros, óculos redondos, um bigode largo, paletó azul-marinho risca de giz, com o charuto de sempre nos seus vastos lábios, gritou impacientemente com o jovem carregador. – Dustin, na minha sala. JÁ!

Jonathan deixou sua mala na sua “sala-cubículo”, viu o jovem Willian sair desesperadamente para obedecer à ordem do chefe, e foi imediatamente para a sala do Sr. Gray, tremendo de cima a baixo e suando em bicas.

A sala do Sr. Gray (que era realmente uma sala, com paredes e afins), ficava no fim do longo corredor do andar onde Jonathan passava o dia inteiro trabalhando. Chegando à porta, em uma caminhada que pareceu eterna, ele bateu três tímidas vezes.

– Entre! – A voz do Sr. Gray, que parecia mais um tornado, reverberou pelo extenso corredor.

– Queria me ver, senhor? – Jonathan falou muito baixo, fazendo uma leve reverência.

A sala do Sr. Gray era grande e confortável. Tinha um par de sofás da cor roxa, um tapete vermelho no centro, um bar repleto de bebidas caras, quadros de seus cães espalhados pelas paredes, uma mesa larga cheia de objetos estranhos, e placas holográficas confiscadas. O cheiro do charuto inundava o lugar, ventilado por apenas uma janela pequena.

– Não. Eu não “gostaria” de te ver nem pintado de ouro, Dustin. Existem coisas muito mais agradáveis para se ver. Mas, como todos aqui, eu recebo ordens, e devo informá-lo que estou a par de sua situação com o império, e que fui designado a fazer vista

grossa com você. Neste caso, você não vai nem piscar sem o meu consentimento. E caso você saia da linha, e fique espalhando novidades que não deva por aí, ficarei feliz em informar ao meu superior e despedi-lo sem dever nem explicações. Fui suficientemente claro?! – Gritou o chefe.

– Claro, senhor. Fique sabendo que não vou sair da linha e...

– SRTA. CARTER! – O Sr. Gray berrou mais uma vez antes que Jonathan pudesse se mostrar completamente comprometido com os interesses imperiais.

Jonathan saiu da sala do chefe, desorientado de tanta tensão. Sua vida tinha atingido um nível crítico de problemas, e agora não tinha nem mais o amigo ao seu lado para ajudá-lo.

Como conseguiu um cargo tão importante? Como pôde nem se quer avisá-lo? O que ganhava dava para sustentar muito bem sua família, mesmo com o bebê a caminho, mas o salário de um Arauto?! Ele só queria alguém para fazê-lo esquecer todos seus problemas.

O resto do dia foi tenso, repleto de espiadas do Sr. Gray, por onde quer que fosse. De hora em hora, Will passava para anunciar alguma fofoca nova que descobrira no andar de descarregamento. O estômago de Jonathan não parava de remexer e, enfim, chegou a tão esperada hora de ir para casa.

No simplório lar dos Dustin, Anna esperava o marido, com o jantar posto à mesa.

– Cheguei. – Jonathan anunciou com uma mistura de desânimo e alívio.

– Oi, querido. O jantar já está na mesa. É só lavar as mãos e sentar. – Ela limpou as mãos no avental que usava, as colocou suavemente no rosto pálido e magro do marido, e lhe deu um beijo carinhoso.

Após lavarem as mãos, os dois sentaram à mesa para saborear o frango assado e as tortas de maçã que Anna fizera.

– Então, como foi seu dia? – Anna perguntou entusiasmada ao marido calado e ainda tenso.

– É melhor falarmos de outra coisa. – Jonathan respondeu sem levantar os olhos do prato, querendo cortar o assunto.

– O que aconteceu? Alguém o aborreceu? – Anna perguntou preocupada.

Jonathan, fingindo que não ouviu, não deu atenção à esposa.

– Jonathan. Estou falado com você. Olha, eu sei que as coisas não estão muito confortáveis, mas é questão de tempo até se acertarem e...

– *Muito confortáveis?! – Jonathan berrou com o rosto rubro, extravasando seu estresse. Tremia de raiva e parecia colocar para fora toda pressão do dia. – As coisas estão completamente fora de controle! Acha que fazer os pratos que eu gosto pode apagar tudo isso?!*

– Não, não acho. Mas pensei que pudesse ajudar fazendo um agrado. – Anna não tinha mais o rosto sereno e amigável de quando o marido chegou. Estava ofendida e impaciente.

– Pensou errado. Quer mesmo saber como foi meu dia? Vou resumi-lo para você: meu chefe me chamou só para dizer que será mais um a me vigiar todo tempo, descobri que meu único amigo sumiu para ser nada mais nada menos que um Arauto, e tive que aturar as mesmas fofocas ridículas do garoto carregador. Tudo isso, é claro, sendo vigiado de perto pelo chefe e por aqueles Guardiões fétidos! – Ele ficou de pé, berrando com tanta força que suas veias pareciam que iam saltar do pescoço.

– Bom, eu sinto muito. Mas pode ficar tranquilo que daqui em diante não farei nenhum esforço para agradá-lo. E não precisa mais pensar em nosso filho, já que você só vê problema nisso. – Anna também ficou de pé, e subiu o tom de voz, não se intimidando com o marido.

Jonathan cansou de discutir, deixou o prato na mesa e subiu as escadas em direção ao quarto. Anna também tinha perdido o

apetite. Retirou tudo da mesa, arrumou a cozinha, sentou na cadeira e chorou.

Depois daquela discussão, o casal falava apenas o necessário. Os meses passaram rapidamente, e o bebê podia chegar a qualquer momento.

Jonathan, embora muito nervoso e ainda se lamentando muito, tentava ser tudo o que sua esposa precisava, servindo-a sempre que estava em casa. Apesar de tudo, o bem-estar da mulher era a sua prioridade, e não havia muito a dizer sobre isto. Anna tentava esquecer o mau humor do marido, e também compreendê-lo. Ela estava sempre atarefada com sua atividade favorita desde então: compor canções para seu filho ao piano da sala. Uma delas dizia:

*És amado.*

*Sim, querido,*

*És amado.*

*Por vir de dentro de mim,*

*És amado.*

*Meu amor, sem fim, vai nos guiar.*

*No deserto ou no jardim.*

*Na seca ou no manancial.*

*Porque sempre contigo estarei,*

*Querido meu.*

*Juntos, até o final.*

Era Outono. As árvores, quase totalmente desfolhadas, rodeavam a Rua Bom Fim, silenciosa e monótona como sempre. A noite se aproximava e as estrelas no céu começavam a aparecer. Havia mais estrelas visíveis naquele início de noite. Jonathan tinha acabado de chegar e, ao subir para o quarto, uma surpresa – Estava na hora.

Anna estava deitada na cama, com muitas dores. A bolsa havia rompido e as contrações ficavam cada vez mais intensas. Ela recebeu o marido com alegria, suportando as dores. Pensava no final, que

traria o que ela esperou durante os nove meses. Jonathan, ao seu lado, agitava-se e tentava servir a esposa da melhor forma possível.

– Chegou a hora, Jonathan. Chegou a hora. – Anna olhou fixamente para o marido e lhe deu um sorriso gracioso.

– Eu sei, querida. Vai dar tudo certo. Eu estou aqui, do seu lado. – Jonathan esboçou um sorriso e deu um beijo na testa molhada de Anna.

Não dava tempo de enviar um holograma para um médico, já que ele seria primeiramente revistado e analisado, ainda mais por ser dos Dustin. Então, Jonathan, pegou uns lençóis, uma bacia com água e se preparou para suprir as necessidades de Anna.

– Vai dar tudo certo, querida. Eu vou conseguir fazer tudo direitinho. Não se preocupe. – Ele tentava ficar o mais calmo possível, mas sua voz e suas mãos tremiam.

– Se *você* está dizendo. – Anna deu um sorriso, pegou em uma das mãos de Jonathan, e lhe transmitiu tranquilidade.

As contrações acentuavam-se, e Anna começava a fazer força.

– ... Ah, ai!

– Força... Três, dois, um. Força!

– Ah!

– De novo. Três, dois, um. Força!

– Ah!

O último grito de dor fora dado. Depois dele, um chorinho esganiçado, frenético e sem pausa, se espalhou por todo quarto.

– Ele chegou! Está aqui! – Jonathan afirmou histérico e emocionado. Cortou o cordão umbilical com a tesoura esterilizada pré-preparada, e envolveu em um lençol limpo o novo membro da família. Ele preparou o bebê para apresentá-lo à mãe exausta.

– É um menino. – Disse o homem, ainda emocionado, para a mulher, que agora estava em prantos de alegria.

– Ele é lindo! – Anna quase não tinha forças para dizer essas palavras.

– Como vamos chamá-lo? – Jonathan sorria pela primeira vez em meses.

– Derek. O que você acha? – Perguntou Anna.

– É perfeito. – Ele se aproximou da esposa, deu-lhe um beijo na testa ainda molhada, e depois beijou o filho pela primeira vez.

– Seja bem-vindo Derek.

Depois de tudo resolvido, Jonathan chamou os médicos imperiais para fornecerem melhor tratamento para Anna e Derek. Com a má vontade dos funcionários imperiais, demorou um pouco até tudo ser finalizado. Por fim, mãe e filho estavam completamente tratados, gozando de perfeita saúde.

No dia seguinte, Jonathan informou às autoridades que o jovem Derek havia chegado. O mesmo aviso lhe foi dado: “caso o menino não tenha herdado nenhuma de suas habilidades, terão que enfrentar circunstâncias drásticas.”

O tempo se passava e Derek não apresentava nada além do normal. Apenas um garotinho com quase dois anos, cabelos negros e ondulados, olhos da cor do mel, e bastante magricela, que só pensava em brincar. Anna não se incomodava, enfrentaria o que tivesse que enfrentar pelo filho. Já Jonathan, estava cada vez mais preocupado, e temia pelo futuro.

Então, como em resposta aos pensamentos de Jonathan, o Arauto Parkman e um Guardião, fizeram-lhe outra visita.

– Como está a situação, Sra. Dustin? – Parkman não fez outra coisa antes de perguntar.

– Está ótima, Sr. Parkman. – Anna o respondeu sem medo algum.

– Sr. Dustin? – O Arauto perguntou, afrontando o homem que tremia de cima a baixo e suava frio.

– Estamos seguindo as instruções imperiais, senhor. – As palavras saíram trêmulas da boca de Jonathan.

– Conclusão? – Parkman não conseguia esconder a ansiedade.



– Bem, ele ainda não revelou nada, mas... – Jonathan começou a responder.

– Se não revelou nada até agora, é porque não revelará mais.

– Parkman mostrou sua satisfação ao interromper Jonathan, que estava mais apavorado do que nunca. – Como não pretendemos e não *vamos* gastar nenhum centavo com transgressores, não será possível fazer o mapeamento genético para comprovar o que já parece ser um fato. Sendo assim, eis a sentença:

Ele ergueu as mãos, e o Guardião lhe entregou um livro digital que trazia à mão. Depois leu em voz alta:

“O Sr. e a Sra. Dustin, por transgredirem a Lei de Procriação e gerar um filho excepcionalmente normal, transgredindo, assim, outra lei, a saber: a Lei de Preservação Humana, terão todo auxílio e apoio do império banidos, e estarão sob sua própria administração, sem contar com segurança, saúde ou qualquer serviço imperial, bem como a criança em questão.”

*Assinado: Sadraûr, o Imperador.*

– Mas o único meio de ter acesso a qualquer serviço é pelo império! – Jonathan estava ainda mais desesperado, quase em prantos.

– Por misericórdia do imperador, o senhor ainda pode contar com seu emprego. Afinal, a generosidade não morreu. Fique grato por ainda ter um meio de sustentar isso que chama de família. – Havia desdém e desprezo na voz de Parkman.

Anna se preparou para responder, mas o marido a segurou, sabendo que a esposa não se calaria depois de tal ofensa.

– Eu estou grato senhor, mas... Tente relevar, por favor. Não tivemos culpa! – Jonathan se prostrou no chão diante do Arauto e do Guardião ao seu lado.

Um leve sorriso apareceu no rosto de Parkman e, saboreando o momento, disse:

– Certamente, o império é que não teve culpa, Dustin. – Ele começou a andar em volta do homem no chão. – Já relevamos

excessivamente o seu caso, e somos misericordiosos até demais. Não seja patético. Tenha um pouco, o mínimo de amor próprio.

– Nessa ultima frase ele se abaixou para falar bem próximo ao ouvido de Jonathan, e não conteve a gargalhada.

– O senhor já deu seu recado. Estamos cientes da nossa situação. Não perca mais tempo com o que considera apenas um monte de *nada*. – Anna se colocou na frente do marido, o jovem Derek no colo sem entender.

– Vamos, Guardiã. Vamos deixar esses coitados lamentarem à vontade. – Parkman virou-se em companhia do Guardiã e, com um leve sorriso no rosto, bateu a porta e partiu.

– Jonathan Dustin! Levante deste chão, agora mesmo! – Anna falou ao marido com severidade, deixando o pequeno Derek no chão.

O homem, os olhos vermelhos de choro, o rosto molhado em uma mistura de suor e lagrima, levantou, sem tirar os olhos do chão.

– Não quero vê-lo nunca mais se rebaixando deste jeito, me ouviu? – Anna estava séria como nunca na vida.

– A condenação à morte seria melhor. – Jonathan disse fracamente, quase sem fôlego.

– O quê?! Você só pode ter perdido a cabeça de vez! Jonathan, o império nunca nos deu nada, tudo o que temos foi pelo nosso trabalho.

– Você não entende? Fomos praticamente banidos do mundo. O império monopoliza todas as atividades. Não vamos conseguir viver fora do sistema.

– Você está tão cego. – Ela o olhou como se não o reconhecesse. – Nós provamos que não precisamos deles para nada. A vida está em nós, e cabe somente a nós vivê-la. É por isso que eles estão tão zangados. Nós podemos e *vamos* dar a volta por cima. Vamos provar para eles mais uma vez que nossa humanidade é muito maior do que poder, ou qualquer habilidade.

Anna fitou o marido e, tendo misericórdia dele, o abraçou forte e calorosamente. Jonathan chorava sem parar. Os dois ficaram assim durante minutos.

Sem que eles percebessem, alguém especial, mesmo que renegado e desacreditado por muitos, os olhava atenciosamente. Derek Dustin, um menino excepcionalmente normal e nascido da forma mais natural possível, fitava os pais ali em sua frente, sem se quer imaginar o que o futuro o reservava.

